

Sem-Abrigo: “mais jovens” e “descompensados”

Perfil dos sem-abrigo no Funchal está a mudar. São mais jovens e com patologias associadas ao consumo de “bloom”

O ‘bloom’ afecta cada vez mais jovens na ilha da Madeira. É um facto. Um daqueles que Sílvia Ferreira não gostaria de dar conta, mas que faz parte da realidade que ‘entra’ porta dentro no Centro de Apoio ao Sem Abrigo - CASA. São jovens sem predisposição para este tipo de comportamento, alguns oriundos de famílias estruturadas e estáveis, que estão a cair “nas garras” de uma droga que Sílvia Ferreira, do CASA, confessa ser de difícil controlo.

“A realidade alterou-se. Hoje temos mais jovens sem-abrigo, com diferentes patologias, e é preciso referir que nos últimos meses houve uma alteração visível devido às drogas sintéticas. Há pais que vêm ter comigo por causa deste flagelo. Sei de pelo menos três famílias com raparigas entre os 20 e os 22 anos, em situação escolar. Jovens que começaram a consumir em Agosto e que em Outubro já estavam a viver na rua. Os pais estão desesperados.”

E não é que as autoridades não estejam atentas ao fenómeno. A presidente do CASA reuniu com o Comando Regional da Polícia de Segurança Pública e também as entidades regionais ligadas à área da saúde estão atentas, mas o que acontece é que, pelo que lhe dizem, “são drogas de fácil acesso”. O preço, entre os 3 e os 5 euros por dose, é atractivo, mesmo junto dos toxicodependentes habituados a outros consumos. Infelizmente a lei ainda não é clara em relação à proibição de todas estas novas substâncias.

“Temos assistido a problemas na cantina social que desestabilizam. Eles ficam completamente alucinados. Vivem outra realidade e é impossível controlar. Nem temos como fazer esse controlo. Por isso há fases

em que chamamos a polícia duas ou três vezes por semana e há semanas mais calmas em que não acontece nada. Não tenho dúvida nenhuma que isto é causado pelo ‘bloom’.”

Mas se é certo que nos últimos tempos as notícias relacionadas com o consumo de estupefacientes parecem estar na ordem do dia. Não é que a pobreza tenha diminuído, porque, de acordo com Sílvia Ferreira, os pedidos continuam a chegar, com novas caras e histórias de vida. Fala-se dos novos pobres. Pessoas que têm trabalho, casa, mas que não conseguem pagar todos os compromissos financeiros.

“As pessoas continuam a nos bater à porta com situações de carência alimentar. Falo de pessoas com empregos precários, que vivem em habitação social e que têm outras pendências financeiros. São pessoas que trabalham, mas para as quais o dinheiro não dá até ao final do mês”.

Neste momento, o Centro de Apoio ao Sem Abrigo entrega cabazes com alimentos a 600 famílias. Uma entrega feita mensalmente e já não recebem mais inscrições porque não conseguem dar resposta. Ainda assim, não negam apoio. “Não inscrevemos mais famílias, mas se pudermos dar algum apoio, nem que seja nas refeições diárias, ajudamos. Não controlamos que vai à nossa cantina social. Quem precisa pode aparecer ou então levar a comida em tupperwares”.

Sílvia Ferreira sublinha, a propósito do ‘bloom’, que a sua intenção não é criar alarme na sociedade, mesmo porque acredita que as entidades regionais estão atentas ao fenómeno. O que é importante, princi-

palmente porque o tema “já não é tabu”, é que os pais estejam atentos. A dependência a este tipo de drogas é imediata. “Falo para os pais terem a consciência de que estas drogas causam uma adicção muito rápida. Não como acontece com outras drogas, como o haxixe com efeito a médio e a longo prazo. Aqui são danos a curto prazo, o que sentem é que perdem o controlo. São pessoas perfeitamente normais, que experimentam e depois o efeito é acelerado”.

Importante também em toda a questão dos sem-abrigo e nos organismos que procuram ‘resolver’ a problemática é o acompanhamento após o tratamento, seja ao alcoolismo, seja à toxicod dependência. E mais: a necessidade de implementar equipas de apoio à saúde mental. Porque, no fundo, conforme explica a presidente do CASA, são tudo questões do foro psicológico.

“Uma pessoa que está na rua, depois de uma semana, começa a desenvolver diferentes patologias e fobias. Fobia a ser roubado, a ser perseguido, a ser abusado. Não é uma pessoa com um comportamento normal. O que pode levar a consumir drogas e álcool para atenuar esses medos. É uma bola de neve.”

Neste momento, o Centro de Apoio ao Sem Abrigo presta apoio a 72 pessoas que vivem na rua, entrega mensalmente cabazes de alimentos a 600 famílias e serve, através da cantina social, uma média diária de 50 refeições. Conjuntamente com a Associação Conversação Amiga (ACA), a Porta Amiga (AMI), e a Associação Protetora dos Pobres fazem ainda parte do Plano Regional de Integração da Pessoa em Situação de Sem-Abrigo.

Tânia Cova

In “Diário de Notícias”